



BONECA ABAYOMI, ARTESANATO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: AFETO, MEMÓRIA, REFERÊNCIA

Caelí da Silva Gobbato¹

Em 1987 a artesã Lena Martins criou um importante símbolo de resistência e representatividade negra: a boneca preta brasileira Abayomi. Esta criação, que hoje é conhecida em todo o território nacional e também internacional (levada principalmente pelas pessoas pertencentes à diáspora africana), foi concebida na intersecção de dois aspectos vitais na história de Lena: seu amadurecimento como artesã e sua participação junto ao movimento de mulheres negras do Rio de Janeiro nas vésperas do centenário

1. Formada em Artes e Culturas Comparadas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Roteirista e autora de textos de ficção, opinião, ensaios e matérias sobre arte, cultura, negritude e luta anticolonial. Nos últimos 20 anos vem atuando também na gestão e produção cultural. Email: caeligobbato@gmail.com Contato: <https://www.caelidasilvagobbato.com>



*Boneca Abayomi.
Foto: Cris Cotrim*

da abolição da escravatura e da implantação da Constituição de 1988.

Foi neste contexto (já desenvolvendo as primeiras bonecas pretas com sua técnica que não utiliza cola ou costura) que Ana Gomes, educadora negra, companheira de afeto e militância que na época estava grávida, contou a Lena que tinha escolhido um nome feminino e um masculino para o bebê: se fosse menino se chamaria Abebe Bikila e nascendo menina se chamaria Abayomi. Como nasceu menino, o nome ficou então para a boneca recém criada e até então não batizada. Nascia a boneca Abayomi²

Numa caminhada pela história deste potente símbolo brasileiro, emparelhamos o nosso passo ao da própria Lena, que inicia contando um pouco sobre como andava o Rio de Janeiro nos finais da década de 1980: "Eu trabalhava como animadora cultural no Centro Integrado de Educação Pública - CIEP Luiz Carlos Prestes no bairro Cidade de Deus. Neste ano de 1987 elaborava-se a Constituinte, a preparação para a Marcha Contra a Farsa da Abolição, o Movimento de Mulheres Negras organizava o seu 1º Encontro Nacional e o Movimento Ecológico anunciava mudanças com a Conferência Eco92³. É dentro deste contexto que crio a boneca Abayomi. Fazendo as bonecas completamente encantada, com liberdade de criação, eu acreditava que elas poderiam ser qualquer personagem: anjos negros, rainhas, orixás, santos, bailarinas, palhaços... e assim todos os espaços de ocupação de pertencimento estavam garantidos na minha imaginação, representados minuciosamente em bonecas Abayomi".

Toda esta força proveniente da luta antirracista, do reconhecimento da grandeza de nossa herança negra e do corpo enérgico com as hábeis mãos artesãs de Lena, iniciou uma obra maior que a obra, se desdobrando em suas

potencialidades e significados. Segundo ela: "A criação da boneca Abayomi foi um processo, um conjunto de circunstâncias e acontecimentos inspiradores. Eu fazia bonecas de pano costuradas e recheadas de algodão, aprendi com minha mãe. As roupas das bonecas eram amarradas com fios e fitas. Desenvolvia também bonecas de palha de milho sem usar cola, vestidas com retalhos de tecido da mesma forma das bonecas de pano. Antes de fazer boneca preta, dentre outras coisas, eu fazia uns broches de massa: eram duas montanhas pretas com bicos vermelhos, dois peitos fartos, onde eu escrevia: *Mãe África, me dê o axé!* Quando comecei a embolar os tecidos e foram virando bonecas, corpos livres para ser tudo de melhor no mundo, entrei numa compulsão criativa, não queria nem mais dormir, só dar existência às bonecas. Foi aí que tive um sonho inesquecível: sonhei que estava deitada como um bebê entre esses peitos, as montanhas dos broches que eu fazia, e ali senti o alento, o acolhimento, a paz do lugar de pertencimento".

Quase conseguimos sentir a sensação imensa de acordar de um sonho percebido dentro de seu valor ancestral de aviso, consolidação, premonição, conselheiro. Seguimos nossa

caminhada: "O que me moveu e move para fazer bonecas pretas é a necessidade da reparação, é ocupar o lugar de pertencimento no mundo, na vida e dentro de nós. Esses embolados de tecidos que não me deixavam dormir, em forma de corpos pretos livres, movem minha criatividade, meu sustento e minha militância como mulher preta não retinta. Atualmente em muitas regiões do Brasil se atribui outro lugar de origem para a boneca Abayomi. A informação imediata, dramática, romantizada é mais uma tentativa de levar nossas memórias para os piores momentos da história que a sociedade branca insiste em recontar".

É importante refletirmos sobre o porquê destas *fake news* sobre a origem da Abayomi⁴ terem tomado tanto corpo e fortalecido uma narrativa racista de apagamento de uma mulher negra nordestina cuja criação ganhou o mundo.

Aliás, pensando sobre este crescimento contínuo, muito ativado pelas educadoras, educadores e artistas que se comprometem com a luta negra, acredito que se deva a quatro aspectos principais:

- Pela FORÇA DO QUE REPRESENTA para a maior parte da população brasileira, a população

negra, que nesta mesma época do nascimento da Abayomi crescia tendo como ícone infantil uma mulher branca, loira de olhos azuis cujas ajudantes eram todas loiras, numa configuração de pensamento e desejo colonial extremamente bem sucedida que se mantinha intacta mais de 150 anos após a Independência formal/legal de nosso país;

- Pela SIMPLICIDADE da técnica que possibilita e facilita a reprodução da boneca, sobretudo o bebê Abayomi, que Lena rodou o país algumas vezes ensinando ao longo de mais de 30 anos

- Pelo caráter ECOSSUSTENTÁVEL ao utilizar refugos de malha preta, de retalhos e aviamentos na feitura das bonecas;

- Por ser símbolo de AFETO, de ligação com as crianças, objeto carregado de memórias que proporciona manutenção da ludicidade e da arte em nossas vidas cotidianas.

Um dos melhores exemplos desta relação que se estabelece pelo afeto é a boneca Vovó Tuninha, personagem central de uma *performance* ao ar livre que convida as pessoas passantes a conhecerem a vovó (que tem à sua volta livros, lápis de cor e papéis) e a escreverem para suas mais velhas pretas, a rezarem, apreciarem,

saudarem, refletirem, se emocionarem.

O convite para desenvolver alguma ação na rua veio da *performer* Eleonora Fabião e Lena sugeriu levar a boneca Vovó Tuninha, uma homenagem à sua avó Antônia Astrogilda Reis Serra, nascida no Maranhão em 13 de junho de 1889.

Lena nos conta um pouco sobre a trajetória desta boneca que nasceu para as artes performativas, para o encontro, com toda esta enorme carga de memória e ancestralidade:

"Vovó Tuninha é uma boneca preta Abayomi, quase do tamanho de uma pessoa, feita sem usar cola ou costura, com retalhos de malha de algodão e tecidos. Foi feita em busca da referência de mulher preta ancestral" (...) "Quando eu levo a Vovó pra rua eu levo também um tapete grande feito de crochê e barbante. Ela fica sentada numa cadeira e tem um cachorro peludinho que era da minha neta e ela deu pra Vovó Tuninha. Ao seu lado coloco sempre um aviso que convoca as pessoas a escreverem. O que ela mais gosta de fazer e receber são bilhetinhos para outras avós, para as mulheres que têm muitos anos de vida e até para as que já foram morar com as estrelas. Cada bilhetinho acende uma luz no coração de quem escreve e também no do destinatário: no



aviso eu digo que com certeza a comunicação chega porque vai pelo correio mais antigo do mundo que é o correio do coração".

A boneca Vovó Tuninha nasce como síntese amorosa da sabedoria negra feminina que tece as bases africanas de nossa riqueza cultural, uma avatar com habilidade especial para "ponte entre afetos e lembranças" de quem tem a sorte de encontrá-la em uma de suas saídas. Esse caráter comunitário, familiar, de troca intergeracional faz parte da vocação da Abayomi e se potencializa no espaço público através desta *performance* que em si carrega sementes de pertencimento, de ocupação da cidade pela pele preta, de

Bonecas Abayomi em cortejo de maracatu. Foto: Cris Cotrim

identificação e valorização dos laços e histórias afro-brasileiras.

Outra significativa expressão artística nascida dentro da cooperativa de mulheres que durante muitos anos foi o ponto de encontro para a feitura das bonecas, surgiu por este mesmo enamoramento pela rua e seus encantos: o Cortejo Brincante Abayomi.

A confluência da imersão de Lena em manifestações populares de origem maranhense como o Bumba-meu-boi e as Caixeiras do Divino, com o fato de muitas cooperativas serem



*Bonecas Abayomi.
Foto: Cris Cotrim*

artistas e trabalhadoras da cultura, fez com que surgisse este cortejo teatral em 2002. Com ares de carnaval e folguedo, musicistas, cantoras e brincantes empunhando estandartes e Abayomis, o cortejo mescla canções de domínio público com jogos interativos que convidam as pessoas a se juntarem à festa, como conta Lena:

"O cortejo brincante durou 11 anos e nasceu naturalmente. Nós da Cooperativa éramos sempre convidadas pra fazer um banho de cheiro com ervas e cantar umas músicas em inaugurações, aberturas de seminário... Isso foi um começo. Um duas vezes por semana a gente se reunia pra fazer bonecas e não só contávamos as nossas histórias como cantávamos bastante. E era muito gostoso! Também na oficina do bebê Abayomi a gente sempre pedia pra alguém que estivesse fazendo a oficina puxar uma cantiga de ninar. E teve uma vez que eu, a Sônia Silva e a Flávia

Berton criamos uma música que a gente cantava em todas as oficinas, cada participante podia pôr uma palavra. E aí a musicista e integrante do bloco carnavalesco Cordão do Boitatá, Cris Cotrim foi gostando de ouvir a gente cantar e convidou um amigo dela antropólogo, o Edmundo Pereira, para ouvir também e os dois ficaram entusiasmados demais, o que nos fez ter essa ideia de fazer um cortejo, com umas brincadeiras. Não tinha esse nome Cortejo Brincante Abayomi, o nome veio depois, mas queríamos fazer uma coisa que pudéssemos fazer na rua".

Seguindo a tradição da cultura popular de chamar o povo às ruas e transformar as ruas com o povo, esta celebração demonstra também o cunho coletivo da Abayomi, tanto da feitura das bonecas quanto de suas manifestações cênicas:

"Durante o cortejo, que era dirigido pela Angélica Gomes, cantávamos principalmente as antigas do Vale do Jequitinhonha⁵ e a gente fazia uma flor também sem cola e sem costura junto com o público e também tinha um bebê que nascia e o povo embalava, fazíamos esta encenação, do nascimento do bebezinho preto sem cola e sem costura... e acabava sempre com uma ciranda agregando todo mundo!"



Esta multiplicidade de ações, inspirações e transformações provocadas pela nossa boneca preta brasileira Abayomi nos revela um pouco do tamanho desta criação, nascida das mãos desta mulher maranhense que ainda criança migrou para o Rio de Janeiro, onde permanece no alto de seus 71 anos, cheia de vida, de belezas, confeccionando bonecas, contando histórias e participando de encontros e palestras. ■

NOTAS

2. O 29º verbete da ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA DA DIÁSPORA AFRICANA, de Nei Lopes, registra a criação da boneca Abayomi por Lena Martins no ano de 1988. Esta diferença de ano deve-se ao tempo entre a criação nascer e ser batizada.

Lena Martins com a boneca Vovó Tuninha. Foto: Autor desconhecido

3. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento foi um evento de chefes de estado organizada pelas Nações Unidas e realizada de 3 a 14 de junho de 1992 na cidade do Rio de Janeiro.

4. No final dos anos 1990 começaram a surgir histórias falsas que atribuíam à boneca Abayomi uma origem dentro dos navios negreiros, feita durante as viagens pelas mãos africanas sequestradas, o que é incompatível com o que temos de informação sobre as condições que as vítimas enfrentavam nos navios e não conta com qualquer referência teórica. Não há registro de referência sobre as bonecas antes de 1987. Ao contrário, existem crescentes pesquisas acadêmicas que contam a história da Abayomi citando sua criação por Lena Martins.

5. Região do estado brasileiro de Minas Gerais, situado na região sudeste do Brasil. Com baixos indicadores sociais, possui, no entanto, exuberante beleza natural e riqueza cultural com traços das culturas portuguesa, negra e indígena.